



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 2 de março de 2019



Madrinhas | 2018 | Amilton Neves (cortesia do artista)

“MADRINHAS DE GUERRA” MOÇAMBICANAS: UMA HISTÓRIA POR CONTAR

Rui Trindade

Incluída na programação da edição de 2018 do festival Maputo Fast Forward, a exposição [Madrinhas de Guerra](#), do jovem fotógrafo moçambicano Amilton Neves (1), teve, entre outros méritos, o de trazer para o espaço público um tema que, apesar de terem passado mais de quarenta anos sobre a independência de Moçambique, continua a ser considerado “delicado”.



“MADRINHAS DE GUERRA”
MOÇAMBICANAS:
UMA HISTÓRIA POR CONTAR

Um sintoma claro do desconforto que o tema ainda suscita tornou-se particularmente evidente na recusa das mulheres moçambicanas fotografadas por Amilton Neves em aparecer quer na inauguração da exposição quer no debate organizado sobre o tema. Outro sintoma eloquente foi o eco que a exposição (não) teve nos *media*: apenas referências circunstanciais à existência da exposição mas nenhuma tentativa de aprofundar o tema ou, sequer, entrevistar as “Madrinhas”.

O debate, em que participaram, para além de Amilton Neves, Luis Loforte (um moçambicano que integrou o exército colonial português) e o historiador António Sopa, permitiu ainda evidenciar a total ausência de investigação histórica, digna desse nome, sobre a participação das mulheres moçambicanas, enquanto “Madrinhas de Guerra”, na iniciativa criada pelo Movimento Nacional Feminino (1961-74) para dar apoio aos soldados portugueses na frente de combate.

Foi longo o processo de gestação desta exposição. Como explica Amilton Neves a Christine Cibert (curadora da exposição) (2) na pequena publicação que acompanha a iniciativa, “a ideia surgiu-me por causa de um famoso discurso de Samora Machel em que ele diz: ‘As Madrinhas de Guerra são *explosivos* a longo prazo, temos de acabar com esta organização na nossa sociedade’. Quando perguntávamos à nossa mãe ou tia acerca das Madrinhas de Guerra, elas não queriam falar do assunto. Diziam apenas que era uma coisa que tinha acontecido mas não entravam em detalhes sobre o o que acontecera. Foi por isso que decidi, de uma forma deliberada, abordar este tema, quase esquecido, para que não seja apenas a geração dos mais velhos, dos assimilados ou dos que estiveram no Exército a lembrar-se dessa situação. Esta é uma história que todos deviam conhecer e, no entanto, a maior parte das pessoas desconhece-a em absoluto”.

Amilton Neves começou por procurar informação sobre o tema e fazer alguma investigação em arquivos fotográficos. Mas o ponto de viragem neste processo (que se vinha mostrando pouco produtivo) e o verdadeiro detonador para o arranque do projecto fotográfico que tinha em mente aconteceu quase por acaso: “um dia conheci uma pessoa que pertencera ao Exército português, que tinha tido uma Madrinha moçambicana, a qual ainda era viva e habitava na Mafalala (*um bairro da cidade de Maputo*). Ele levou-me lá para eu a conhecer (ela já morreu, entretanto) mas precisei de três anos para convencê-la a deixar-me tirar-lhe uma fotografia. Foi só a partir desse momento que fiquei mesmo determinado em levar o projecto adiante. Sobretudo porque se tratava de um enorme desafio. Depois de me ter deixado fotografá-la, ela apresentou-me a outras Madrinhas. E nos três anos seguintes visitei 50 outras Madrinhas, que ainda vivem hoje em Maputo, e que fui fotografando”.



“MADRINHAS DE GUERRA”
MOÇAMBICANAS:
UMA HISTÓRIA POR CONTAR

No período pós-independência, estas Madrinhas passaram, de imediato, a fazer parte das listas dos “comprometidos” com o regime colonial sendo sujeitas a um processo de marginalização e ostracização na sociedade moçambicana que atirou um grande número delas para a indignação ou, pelo menos, uma precariedade na qual ainda muitas vivem. E sobre a sua história foi-se adensando, ao longo dos anos, um manto de silêncio.

De forma algo surpreendente, a exposição, patente até ao final de Fevereiro na Fortaleza de Maputo, revelou-se um inesperado sucesso em termos de público. As razões desta adesão mereciam, claramente, ser estudadas (até porque um número significativo de visitantes pertence às gerações mais jovens, algo que também foi evidente no debate onde muitos estudantes se mostraram ávidos em conhecer melhor este episódio *silenciado* da história do país). Mas uma das razões deste sucesso, senão a principal, reside na força das imagens, na forma perturbadora como nos sentimos interpelados por estas mulheres.

Como escreve Christine Cibert, “graças ao trabalho de Amilton Neves, somos levados a participar numa viagem muito pessoal e íntima. Atravessamos velhas paredes, de madeira ou zinco, e pequenas e modestas portas através das quais penetramos nas casas, delapidadas, de várias mulheres moçambicanas já muito idosas. É neste espaço privado que as vamos encontrar, conhecer a sua vida, revisitar o seu passado e ouvir o relato deste episódio silenciado da história de Moçambique. Mas quem são, verdadeiramente, estas mulheres? Que idade têm? Como se chamam? Como foi o seu trajecto de vida? Há nestes espaços uma atmosfera que parece simultaneamente intemporal, silenciosa, calma e despojada. Mas o que significa, genuinamente, este silêncio? Nostalgia? Medo? Vergonha? Raiva? Culpa? Exprime apenas timidez? Ou também resignação? Ou alívio? Há um desejo de rir ou chorar? Qual a verdadeira dimensão e abrangência do seu sentimento de perda? A do seu passado, da sua vida, da sua reputação, da sua dignidade, do seu amor? Será que aceitarão falar connosco, dar voz aos sentimentos que há tantos anos carregam, escondidos, no mais profundo dos seus seres? Será que vão concordar em partilhar connosco o seu testemunho antes que seja tarde demais, e portanto esquecido, ou vão fazê-lo para permitir que possa ser perpetuado? Independentemente de tudo o que possam ter vivido ou feito – e mesmo das suas duras condições de vida – estas mulheres idosas permanecem belas, elegantes, dignas e inspiram em nós uma compaixão não dessemelhante à que sentimos pelas nossas mães, avós, tias, e nos faz querer tomar conta delas, protegê-las, estimá-las e abraçá-las.”



“MADRINHAS DE GUERRA”
MOÇAMBIÇANAS:
UMA HISTÓRIA POR CONTAR

Graças a este projecto fotográfico-documental, Amilton Neves fez emergir, finalmente, uma questão que se tem mantido, por demasiado tempo, envolta em obscuridade. Espera-se que a intenção do fotógrafo em publicar em livro o material por si recolhido ao longo dos anos possa constituir também uma oportunidade para uma primeira abordagem de contextualização histórica sobre o tema.

(1) Baseado em Maputo, Amilton Neves tem trabalhado como fotógrafo *freelancer* em toda a África. O seu trabalho já foi exposto, para além de Moçambique, no Gana, em Portugal, no Brasil, na Etiópia e no Canadá. O projecto “Madrinhas de Guerra” teve uma primeira apresentação (ainda que parcial) no Nuku PhotoFestival em Accra, no Gana, em Setembro de 2018.

<https://www.lensculture.com/amilton-neves>

(2) Christine Cibert é curadora de arte independente há mais de 20 anos tendo organizado inúmeras exposições de pintores e fotógrafos nos vários países onde viveu: França (seu país de origem), Japão, Camboja, Coreia do Norte, Suíça e, actualmente, em Moçambique.

<http://www.christinecibert.com>

Rui Trindade. Formado em História (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa), vive actualmente em Moçambique. É membro fundador da plataforma Maputo Fast Forward (www.maputofastforward.com) e Director da Programação do seu festival anual (<https://festival-mff.com/>). Trabalhou anteriormente como jornalista (Portugal/ França/ Reino Unido) e como curador (Portugal/ Canadá).

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

